

RECURSOS IMAGÉTICOS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Patricia Verônica de Oliveira Inácio

RESUMO

A utilização sistemática e contínua da apresentação e interpretação dos diferentes tipos de imagens possibilita uma nova leitura de mundo e o acompanhar da evolução tecnológica na prática pedagógica. Partindo desta premissa, busca-se compreender a importância da integração das mesmas, como recurso didático no ensino de História. Este trabalho tem como objetivo integrar a imagem na sala de aula na perspectiva de transmutar o desinteresse que os estudantes apresentam com relação à disciplina História e possibilitar o desenvolvimento de novas competências a partir de outras trajetórias no campo das atividades cognitivas estimuladas pelas descobertas na ação dialógica com as imagens.

Palavras-chave: Educação. Imagem. Desconstrução Imagética.

Introdução

Esta pesquisa está envolvida em tornar a leitura e interpretações imagéticas em sala de aula nas aulas de História uma prática cotidiana a sala de aula não pode continuar sendo um mero reproduzidor dos fracassos da sociedade: a educação é importante demais para que os enganos sejam perpetuados. O ensinar no tempo atual não se dissocia das inquietações da sociedade do século XXI, não se ignora o mundo em volta e suas transformações, e, portanto, os mecanismos educacionais também. Os “muros” que circundam a escola brasileira devem ser derrubados, as idéias de um educar monótono, restrito ao giz e ao quadro, não satisfazem às inquietações e às revoluções comportamentais de nossa sociedade. A partir destas inquietações, questionamentos e alquimias em sala de aula, percebe-se a importância de um ensino de História transformador, provocador e atual – o uso das múltiplas imagens. Suas interpretações e a utilização dos recursos tecnológicos cativam e capacitam os estudantes além de projetarem a educação em um patamar com mais qualidade.

A educação não é a única trajetória complexa no século XXI. A própria sociedade atual carrega múltiplas problemáticas desafiadoras. A educação é mais um problematizador social, um inquietante desafio cotidiano. O ser humano busca o melhor e o mais agradável no modo de viver; a maioria das sociedades se digladiou em algum momento de sua História em busca de algo melhor. Na educação não é diferente – os aspectos propiciadores de uma estrutura educacional necessária requerem estrutura física e diversidade tecnológica aperfeiçoadas. O ensino de História, nas escolas, ao

longo das décadas, apenas vem referendar a imprescindível urgência de mudanças na educação. Mudanças metodológicas de maior visão do ensino em sala de aula, sobretudo na utilização dos meios capazes de dinamizar, aproximar e inquietar educandos e educadores. O ensino de História não se desconexa das problemáticas da estrutura educacional brasileira. Uma aula interessante, questionadora, que projete ideias e cultive a cidadania, é calcada na qualidade e no dinamismo das possibilidades metodológicas e de abordagem de conteúdos, em uma estrutura física adequada e em recursos tecnológicos constantemente atualizados.

O conhecimento histórico existe, não para encastelarmos o saber, mas, para formar cidadãos reflexivos. Tudo isso faz parte da primordial ação educativa da escola, mesmo não sendo o único espaço criador de cidadania, a escola é um imprescindível local fomentador dessas perspectivas de crescimento enquanto cidadão. A educação de qualidade está plugada com o uso dos recursos tecnológicos na sala de aula e a utilização das diferentes formas de imagem. Para tanto, é inevitável lidar em nosso cotidiano com os recursos tecnológicos – mais um desafio a ser alcançado por todos no processo educativo de qualidade.

Vivemos em uma sociedade seduzida e circundada por imagens: a televisão, a fotografia, os filmes, vídeos clipes e todas as outras manifestações visuais possíveis estão presentes no nosso cotidiano, cada vez com maior intensidade. Todavia, a escola parece não se dar conta de que vivemos em uma sociedade imagética. A universalização da imagem a coloca num patamar de destaque: a escola deve utilizar esses mecanismos como forma de atração de jovens sedentos por mudanças e novidades enquanto seres sociais. O trabalho com imagens em sala de aula e a inserção dos meios de tecnologia caminham lado a lado. Os mecanismos tecnológicos que facilitam a utilização de imagens na escola devem ser visto não como uma “máquina trabalhosa”, “uma coisa” sem importância; não pode haver acomodação e amedrontamento – desafios são inevitáveis, estamos no século XXI de fato.

A sala de aula como um laboratório imagético

A proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) está alicerçada em um ensino avesso ao mero acúmulo de informações, mas que trabalhe a formação integral dos alunos, enquanto cidadãos, com uma visão crítica das sociedades, possibilitando-lhes o desenvolvimento de valores éticos de solidariedade e cooperação.

Posto isso, é necessário dizer, que ao repensar o ensino, não podemos simplesmente enxergar o aluno como uma “caixa” de um conhecimento pré-estabelecido, mas sim como agente reflexivo, crítico e atuante na formulação de seu próprio conhecimento.

A imagem não pode conduzir o entendimento para algo ligado ao mistério, ao dúbio e ao encantamento pelo encanto, mas a interpretações e reflexões. É nesse momento que a presença do historiador faz-se imprescindível às interpretações; a imagem “ela é histórica e sempre envolve um propósito, uma vontade social”, assim explicita a escritora Ana Maria Mauad. Onde a escola não pode ser excluída desse instante qualitativo e instigante de mais um meio interpretativo histórico e, assim afirma Mauad “o fundamental é ultrapassar a ideia simplista da história por detrás da foto” (MAUAD, 2007, p. 114).

As imagens, algumas vezes, são produzidas para retratar o oposto de sua informação visual. É nesse contexto que o historiador tem a responsabilidade de ministrar sua intervenção reflexiva, interrogando o documento histórico. Na Figura 01, uma fotografia de família, por exemplo, o olhar de um observador comum tem uma conclusão distorcida e equivocada da imagem que se apresenta. Possivelmente, terá um entendimento de uma escrava livre, respeitada pela família e possuidora de posses. E, provavelmente, suporá que a intencionalidade do foco é desmistificar a condição do ser oprimido do escravo no Brasil. Mas, a partir das orientações e explicações do professor sobre o costume de ostentação de poder e riqueza do senhor de engenho demonstrada, inclusive, na indumentária de seus escravos, entende-se que a idéia de poder foi perpetuada na fotografia e na pintura, a qual retrata uma maior elitização da família latifundiária e proprietária do ser escravizado. Outro detalhe a ser comentado, é o alto valor da fotografia nesse período: em 1860, possuir uma foto constituía um status social importante.

Figura 01. Fotografia de Artur Gomes Leal com a ama-de-leite Mônica.



Fonte: Livro Fotografia no Brasil.

As fotografias produzidas na atualidade não são as únicas possíveis de interesse de estudo com viés interpretativo para a História, as fotografias de álbuns de família do final do século XIX também o são.

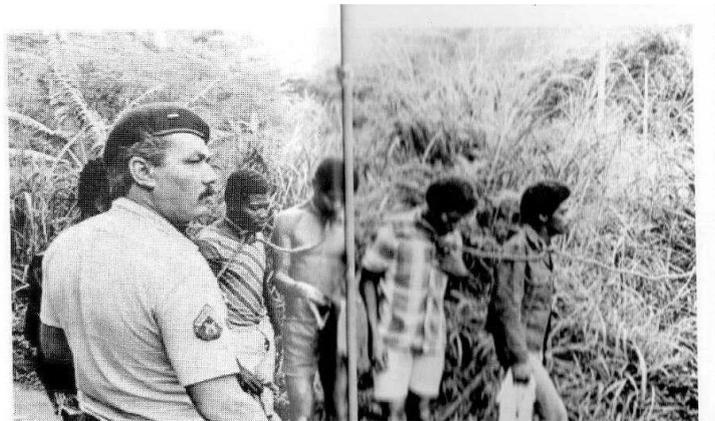
A fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se apresenta como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas. É sob esta perspectiva mais abrangente que deve ser estudada. A fotografia reúne em seu conteúdo informações múltiplas da realidade selecionada [...]. (KOSSOY, 2001, p. 138).

As aulas com os recursos imagéticos têm uma maior e clara possibilidade de aproximar o passado do momento histórico da atualidade. As pesquisas iniciais foram inspiradas na Escola de Frankfurt, principalmente, com as contribuições críticas de Theodor Adorno, no que se refere às possibilidades do entendimento de um viés histórico a partir da chamada indústria cultural no cinema, na fotografia e na televisão.

[...] por intermédio do qual analisavam a produção das imagens no contexto do capitalismo e da criação de mercadorias e formas de consumo manipuladoras e ideológicas. As imagens tecnológicas eram apreendidas em seu valor de troca e entendidas na dimensão de uma socialização geradora de massificação. (BITTENCOURT, 2008, p.362).

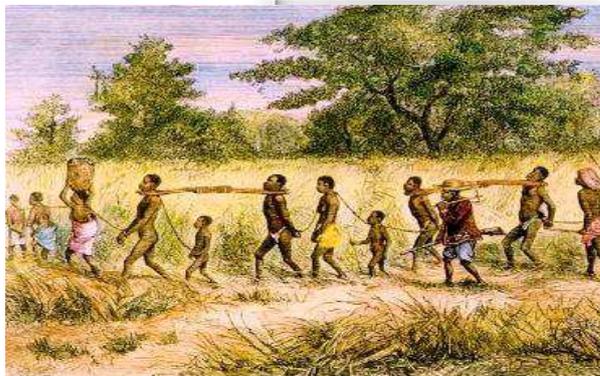
É nesse contexto, que a utilização das possibilidades imagéticas pode ser explorada incessantemente, contudo a partir da análise sistemática e criteriosa em sala de aula os saberes históricos e a interdisciplinaridade adquirem maiores ganhos a partir dessa prática pedagógica, as quais dialogam entre si. Vários temas, por exemplo, o da escravidão e o do racismo no Brasil, pode ser investigado com o auxílio do debate acerca de imagens, não apenas aquelas existentes nos livros didáticos, mas também em diferentes meios de informação atual como os jornais e as revistas.

Figura 03. Todos os negros. Fotografia.



Fonte: Jornal do Brasil, 1983.

Figura 04. Prisioneiros escravos. Brasil Colônia.



Fonte: Mundo da Educação.

O debate acerca das Figuras 03 e 04 não contribuem para o anacronismo, ao contrário, em sala de aula, é instigante demonstrar o quanto o passado histórico não deve ser esquecido ou permanecer afastado do saber humano e, a partir do conhecer, se possa entender a existência de ações no presente. A análise dessas imagens proporciona temas reflexivos, capazes de abordar a discriminação e a violência na sociedade brasileira atual. A forma como os suspeitos estão presos, remete ao modo como os escravos no Brasil foram mantidos sob a forma de animais, “coisas”. É conveniente instigar discussões com temas transversais e questionamentos, por exemplo: o fim da escravidão no Brasil pôs fim à discriminação e ao racismo? Os negros escravos foram tratados como mercadorias e, a Figura 03 demonstra quais mudanças sociais

verificamos no lidar com o negro atualmente? Observando e comentando as imagens, instigando opiniões a partir da informação visual, a aula preenche lacunas não suplantadas com a ausência dos recursos imagéticos. Torna-se, assim, inquestionável a proximidade do estudo histórico no livro didático com as notícias e acontecimentos atuais – a História não se restringe, não está presa no passado e tão pouco é algo distante das nossas vidas e da condição de ser humano.

As imagens em movimento: os filmes, os documentários, os vídeos-clipe e as reportagens, entre outros recursos, são outras fontes importantíssimas de aproximação entre o saber histórico e a sala de aula. Aguça a curiosidade, motiva e torna dinâmico o método de estudar e pesquisar o passado e a atualidade com esses recursos. A partir dessas formas de abordagens, identifica-se:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”.(CHARTIER, 2002, p.16,17).

Por tudo isso o comprometimento e a responsabilidade do historiador como questionador e selecionador de informações deve ser criteriosa e embasada em estudos contínuos. Os acontecimentos históricos por mais distantes temporalmente do seu espectador, podem ser utilizado pelas elites para propor uma reinterpretação:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de composições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.” (CHARTIER, 2002, p.17).

Há algumas nuances tênues na interpretação de imagens, o questionamento da significação visual não pode ser com a pretensão de duvidar sempre do documento imagético, as críticas passam por cuidados

investigativos, mas não um positivismo exacerbado do não dar credibilidade sempre, da desconfiança desmedida e muitas vezes vexatória:

Isso posto, é a natureza do documento que interessa nesse estudo, o “ser” do documento, como observou Marrou: [...] procuramos saber o que ele é, em si e por si mesmo”. Não se trata aqui de “estabelecer o que o documento não é”, atitude típica do espírito positivista, desconfiando, suspeitando sempre de seus testemunhos, mas “o que o documento na realidade é”; tal se dará, necessariamente, pelo esforço contínuo de compreensão do documento”. (KOSSOY. 2001; p.73,74).

Mais do que critérios cuidadosos, há também uma vontade em comprometer-se com uma pesquisa criteriosa no uso e seleção das imagens a serem discutidas em sala, mas acomodar-se no desestímulo desse recurso pertinente ao conhecimento histórico, quando ele é utilizado para tomar tempo nas aulas ou meramente ilustrá-las, é um descaso com a educação:

É nesse cenário que a educação tem que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma eurocentrada, iluminista e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais. (COSTA, 2005, p.21).

A sala de aula está e deve ser aberta, de modo metódico e crítico às informações audiovisuais existentes, por mais diversa e atual que se apresente, a partir da pesquisa de seus significados, seu uso é mais um meio capaz de multipolarizar o conhecimento histórico:

Ora, o livro didático e o paradidático, assim como os jornais e revistas, os filmes, os outdoors e as campanhas publicitárias na TV, as anedotas, a linguagem e a oralidade manifestadas dentro da própria sala de aula, os acervos de museus e, às vezes, os acervos das próprias escolas, a internet e os CD-Rom, tudo isso pode ser tomado como fonte para a História. Lidar com essa diversidade de registros, saber indagá-los e desconstruí-los, saber contextualizá-los e explorá-los para deles retirar versões, isto é, apropriarmos-nos criticamente deles e usá-los metodologicamente: esses são os procedimentos básicos do

historiador e isso é o que deveria ocorrer nas salas de aula desde o ensino fundamental. (PAIVA, 2006, p.13).

Figura 05. Fotografia de uma modelo islâmica.



Fonte: <http://www.escolavesper.com.br/oriente>

A Figura 05, ainda que em pose intencional para ressaltar a perfeição da beleza feminina, não se refuta ao uso do véu. O véu é visto pela sociedade eurocêntrica ocidental como uma forma de repressão, uma idéia equivocada, ao contrário, o uso do véu é a identificação de mulher islâmica orgulhosa por suas origens. Não se trata, portanto do uso da burca, vestimenta repressora da condição feminina.

Imagem 06. Fotografia de guerrilheira no Afeganistão.



Fonte: http://www.escolavesper.com.br/oriente_medio_taliban.htm

A Figura 06 retrata a resistência feminina na luta armada no Afeganistão contra a invasão americana; a fotografia tem a intenção de demonstrar a participação de todos na guerra em defesa de seu país, inclusive a participação feminina. A defesa por sua existência, uma característica histórica dos povos que habitaram a região atualmente denominada de Oriente Médio.

Fotografia 07: mulheres islâmicas.



Fonte: fotografia extraída do site

http://www.escolavesper.com.br/oriente_medio_taliban.html

O Oriente M...ntos e
 dúvidas acerca de conceitos vários como, por exemplo, da Guerra Santa, do terrorismo, do homem-bomba, do Islã, do muçulmano e sobre a condição feminina, entre muitos assuntos atuais, mas as informações e as imagens midiáticas são carregadas, muitas vezes, de generalizações, algo negativo no entendimento histórico. As Figuras 05, 06 e 07 são fotografias de mulheres da religião islâmica, em que sua beleza, resistência e independência não são apagadas pelo uso do véu ou por sua religiosidade. Há violência e desrespeito contra mulheres em países de religião islâmica, não se nega esta realidade, entretanto não é apenas esta a História a ser estudada. Assim, como negar a violência contra mulheres ocidentais? O Brasil, por exemplo, tem índices altos de casos de agressões físicas contra mulheres.

A Figura 07 mostra em seu foco principal mulheres com distintos véus em uma atividade pública, em um local movimentado – essa fotografia desconstrói um entendimento generalizado da condição submissa e ceifada de mulheres islâmicas. O conjunto desse conteúdo imagético possibilita, aos olhares ocidentalizados, enxergar a

diversidade social comum existente em todas as sociedades, e, portanto, na sociedade Oriental.

As três últimas imagens não se restringem tão somente ao estudo do Oriente Médio, mas podem ser usadas como acervo imagético em aulas as quais retratem a condição feminina ao longo da história. As imagens não se delimitam, seu uso fomenta novas perspectivas na reinterpretação histórica. Essas imagens são, no mínimo, inquietantes ao confrontar os conceitos pré-concebidos acerca da condição feminina oriental e, assim, considera-se:

Do ponto de vista da comunicação, as linguagens visuais são mais universais do que as verbais e as sonoras. Somos capazes de compreender o sentido de uma imagem e de nos aproximarmos daquilo que seu autor quis dizer, mesmo que outros aspectos do contexto cultural em que foi criada nos sejam estranhos. Erwin Panofski, historiador da arte, afirma que diante de uma pintura podemos ter um entendimento mais próximo ou mais distante do sentido que o artista quis dar à sua obra, dependendo da quantidade de informações que temos sobre ele, sobre sua produção artística, sobre sua época e sobre a sociedade à qual pertence. (COSTA, 2005, p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é uma proposta importante na perspectiva de possibilitar o acréscimo de novos elementos na diversidade do uso imagético e suas interpretações em sala de aula e de sugerir caminhos com a intenção de aproximar o conhecimento histórico, seu entendimento, reflexão e discussões acerca dos temas relacionados à História. Seria autodestrutivo para a educação ignorar o uso imagético. As diversas visões de mundo podem ser visualizadas através das imagens nos meios tecnológicos.

As discussões são mais amplas e despertam a participação dos alunos no reconhecimento histórico, não como ínfimos espectadores distantes e impotentes, mas como questionadores reflexivos, longe de uma postura de memorizador cansado.

A diversidade imagética possibilita a integração com os recursos tecnológicos no decorrer do entendimento histórico, a interpretação do foco principal, do foco secundário, na desconstrução e no entendimento da intencionalidade de releituras não-textuais.

Os estudantes sentem-se seduzidos por propostas que despertam interesse com uma linguagem mais próxima de suas vivências, com possibilidades de integrar muitos estudantes em volta de debates e questionamentos nos saberes do passado, mas com um olhar atual.

O estudo de História, através de leituras das múltiplas possibilidades imagéticas, conduz o estudante ao encanto de saberes com mais curiosidade, interesse e maior compreensão da atualidade. O conhecimento, a partir do que desperta o interesse, do que inquieta, tem a capacidade de aproximar à pesquisa e de promover o distanciamento da memorização, do Positivismo exacerbado.

São caminhos possíveis de uma educação mais plugada com os interesses de pessoas de diferentes idades, situações sociais distintas e com vivências complexas. A educação com qualidade representa uma transformação educacional possível a partir do acesso a uma estrutura física e tecnológica condizentes com o século XXI. O ser histórico transformador é um cidadão exigente, e, portanto, uma escola que atenda a essas expectativas é o mínimo que se deva oferecer. Uma sala de aula é um local onde há descobertas, amadurecimentos, aprendizados e o despertar histórico capaz de transmutar as paredes desse espaço.

O interesse de estudantes pelo saber histórico é um ganho possível com aulas interativas e formadoras de cidadãos atuantes questionadores, conhecedores de sua história, de seu tempo.

Os saberes históricos são caracterizados não apenas por documentos escritos, mas também por imagens, releituras de acontecimentos vistos com um olhar compartilhado, com entendimento vivenciado em sala e construído com as leituras textuais e pesquisas de estudantes. Estes são agentes de nosso tempo, formadores de um saber histórico e de cidadãos comprometidos, através do fazer histórico, com mudanças.

Qual o interesse de se conhecer a História e permanecer em um estado de inércia? Um ser histórico conhecedor de seu tempo é um conhecedor de seu passado. O passado estudado por múltiplas possibilidades, por desconstruções e olhares questionadores de modelos de ideologias falidas e ultrapassadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2004. 109 p..
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 13.ed. São Paulo: Papirus, 2003. 317 p.
- BARROS, José d' Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008. 408p.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed Portugal: Difel, 2002. 233 p.
- COSTA, Cristina. **Educação, Imagem e Mídias**. São Paulo: Cortez, 2005. 198 p. (Coleção Aprender e Ensinar com Textos, v. 12).
- FENELON, Dea. **Pesquisa em História: perspectivas e abordagens**. São Paulo: Cortez, 2001
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. 2.ed., Autentica, Belo Horizonte. 2006. 120 p..
- FREIRE, Paulo – **Pedagogia da Autonomia**. 33. ed. São Paulo: Paz e terra, 2006. 148p.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006. 158 p.
- GARDNER, Howard, **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.
- GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (org.). **Educação Tecnológica: desafios e Perspectivas**. São Paulo. Cortez, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2.ed. São Paulo: Ateliê, 2001. 157.